

Revisão da agência vai de encontro a pedidos do setor que pede uma avaliação detalhada dos ativos para mudança. Proposta diminuiu tamanho de linhas que devem sair das transmissoras

# Aneel propõe reduzir transferência de linhas de energia a distribuidoras

## TRANSMISSÃO

Jéssica Kruckenfellner  
Agências  
São Paulo  
jessica.moraes@dci.com.br

● A proposta de transferência de linhas de energia das transmissoras para as distribuidoras foi modificada ontem pela diretoria da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). De acordo com especialistas, a mudança atende as demandas do setor elétrico.

A nova proposta, que será colocada em audiência pública entre os dias 28 de abril e 27 de junho, prevê a mudança de controle em 3,8 mil quilômetros de linhas de transmissão ante 12,5 mil quilômetros previstos anteriormente. O objetivo da transferência das linhas de energia das transmissoras para distribuidoras – as chamadas Demais Instalações de Transmissão (DITs) – é melhorar a gestão da estrutura

“Nessa discussão, incluem-se o prazo para incorporação dos ativos, critério de valoração para fins de indenização [das transmissoras], avaliação física, correção do passivo das instalações transferidas, reconhecimento tarifário dos custos”, detalhou o diretor da Aneel, Tiago de Barros Correia, em voto.

As DITs são instalações de transmissão com tensão inferior a 230 quilovolts. Em tese, essas linhas não compõem a rede básica de energia por terem baixa tensão. Mas na prática muitas linhas são usadas para transmissão de energia. Com a mudança



Discussão sobre transferência das chamadas Demais Instalações de Transmissão começou em 2015

## 3,8 MIL 98,6 MI

● Quilômetros de linhas de energia serão transferidos para as distribuidoras, de acordo com a nova sugestão da Aneel. A proposta anterior era de 12,5 mil quilômetros.

● De reais é a receita atrelada às instalações que a Aneel prevê transferir para as distribuidoras com a nova proposta ante R\$ 628,4 milhões previstos antes.

proposta pela Aneel, a expectativa é que as distribuidoras possam assumir trechos de linhas que não são relevantes nos negócios das transmissoras, o que leva muitas vezes a gargalos em investimentos.

“Não faz sentido para uma transmissora de energia, muitas vezes, investir em uma linha que atende apenas a uma região. Já para uma distribuidora, o trecho pode ser vital para os negócios. Com a trans-

também trazem impacto para o caixa das empresas”, citou.

A proposta da Aneel anterior correspondia a uma transferência de receita anual na ordem de R\$ 628,4 milhões para as distribuidoras. Com a alteração da proposta, a receita envolvida nessas transferências cai para R\$ 98,6 milhões.

A Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (Cteep) destacou o possível impacto da transferência na reunião da Aneel ontem. “A Cteep por essa proposta perderá parte relevante de seus ativos, R\$ 24 milhões de receita anual. Se projetarmos até o final da concessão são R\$ 700 milhões”, declarou o advogado David Waltenberg, representante da Cteep na reunião.

Já as distribuidoras passam a arcar com custos de manutenção das linhas e os gastos podem acabar impactando a conta de luz dos consumidores finais em algumas regiões.

Para o presidente da consultoria Thymos Energia, João Carlos Mello, o movimento da Aneel deve ser pontual, sem resultar em grandes mudanças no setor. “As transmissoras não querem perder receita com a transferência das linhas e as distribuidoras não querem assumir mais um ativo”, disse.

No entanto, ele reconhece que algumas correções precisam ser feitas no setor, já que linhas classificadas como sendo de distribuição exercem função de transmissão e o inverso também ocorre “Acho que a Aneel está dando um passo atrás, no sentido de reduzir a proposta de transferência porque não há um grande interesse do setor em realizar muitas mudanças”, avaliou.

ferência, investimentos nas linhas podem ser antecipados e essas diferenças podem ser corrigidas”, observou o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales.

### Impacto

Segundo Sales, a revisão na proposta da Aneel atende aos pleitos do setor, que defende a mudança no controle das linhas baseado nas características de cada empreendimento e não apenas na tensão das linhas. “As transferências precisam ser analisadas quase caso a caso. E a redução da Aneel atende a isso, com uma proposta de mudança mais pontual, porque as transferências

Revisão da agência vai de encontro a pedidos do setor que pede uma avaliação detalhada dos ativos para mudança. Proposta diminuiu tamanho de linhas que devem sair das transmissoras

São Paulo - A proposta de transferência de linhas de energia das transmissoras para as distribuidoras foi modificada ontem pela diretoria da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). De acordo com especialistas, a mudança atende as demandas do setor elétrico.

A nova proposta, que será colocada em audiência pública entre os dias 28 de abril e 27 de junho, prevê a mudança de controle em 3,8 mil quilômetros de linhas de transmissão ante 12,5 mil quilômetros previstos anteriormente. O objetivo da transferência das linhas de energia das transmissoras para distribuidoras - as chamadas Demais Instalações de Transmissão (DITs) - é melhorar a gestão da estrutura

"Nessa discussão, incluem-se o prazo para incorporação dos ativos, critério de valoração para fins de indenização [das transmissoras], avaliação física, correção do passivo das instalações transferidas, reconhecimento tarifário dos custos", detalhou o diretor da Aneel, Tiago de Barros Correia, em voto.

As DITs são instalações de transmissão com tensão inferior a 230 quilovolts. Em tese, essas linhas não compõem a rede básica de energia por terem baixa tensão. Mas na prática muitas linhas são usadas para transmissão de energia. Com a mudança proposta pela Aneel, a expectativa é que as distribuidoras possam assumir trechos de linhas que não são relevantes nos negócios das transmissoras, o que leva muitas vezes a gargalos em investimentos.

"Não faz sentido para uma transmissora de energia, muitas vezes, investir em uma linha que atende apenas a uma região. Já para uma distribuidora, o trecho pode ser vital para os negócios. Com a transferência, investimentos nas linhas podem ser antecipados e essas diferenças podem ser corrigidas", observou o presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales.

## **Impacto**

Segundo Sales, a revisão na proposta da Aneel atende aos pleitos do setor, que defende a mudança no controle das linhas baseado nas características de cada empreendimento e não apenas na tensão das linhas. "As transferências precisam ser analisadas quase caso a caso. E a redução da Aneel atende a isso, com uma proposta de mudança mais pontual, porque as transferências também trazem impacto para o caixa das empresas", citou.

A proposta da Aneel anterior correspondia a uma transferência de receita anual na ordem de R\$ 628,4 milhões para as distribuidoras. Com a alteração da proposta, a receita envolvida nessas transferências cai para R\$ 98,6 milhões.

A Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (Cteep) destacou o possível impacto da transferência na reunião da Aneel ontem. "A Cteep por essa proposta perderá parte relevante de seus ativos, R\$ 24 milhões de receita anual. Se projetarmos até o final da concessão são R\$ 700 milhões", declarou o advogado David Waltenberg, representante da Cteep na reunião.

Já as distribuidoras passam a arcar com custos de manutenção das linhas e os gastos podem acabar impactando a conta de luz dos consumidores finais em algumas regiões.

Para o presidente da consultoria Thymos Energia, João Carlos Mello, o movimento da Aneel deve ser pontual, sem resultar em grandes mudanças no setor. "As transmissoras não querem perder receita com a transferência das linhas e as distribuidoras não querem assumir mais um ativo", disse.

No entanto, ele reconhece que algumas correções precisam ser feitas no setor, já que linhas classificadas como sendo de distribuição exercem função de transmissão e o inverso também ocorre "Acho que a Aneel está dando um passo atrás, no sentido de reduzir a proposta de transferência porque não há um grande interesse do setor em realizar muitas mudanças", avaliou.